

UMA FAXINA NA IDENTIDADE DE EMIGRANTES BRASILEIRAS

SORAYA FLEISCHER*

resumo: O Brasil sempre foi conhecido por receber imigrantes de todo o mundo. No entanto, nas últimas três décadas, essa dinâmica tem se invertido e sua população tem procurado novas oportunidades de trabalho e renda em países do primeiro mundo. Dentre os trabalhos feitos por migrantes, caracterizados pela subqualificação, subremuneração e informalidade, o *housecleaning* (limpeza de casa) é uma das ocupações preferidas pelas brasileiras. Este artigo se baseia numa etnografia realizada com 42 brasileiras que trabalham como *housecleaners* em Boston, EUA. Essas mulheres têm limpado as casas americanas há anos e, pouco a pouco, têm formado *businesses* (negócios) sólidos e rentáveis. A percepção que elas têm de seu trabalho influencia a maneira como se constroem enquanto migrantes e brasileiras. No cenário do *housecleaning*, o contato com os americanos, com outros migrantes e com a comunidade brasileira enriquece esse processo. O artigo analisa como esse grupo constrói noções sobre a identidade social brasileira a partir do seu nicho profissional.

abstract: Brazil has always been known for the fact of receiving immigrants from all over the world. However, since the last three decades, this dynamic has inverted and workers have been searching for new opportunities of labor and income in first world countries. Among the kinds of work done by immigrants, in general subqualified, poorly paid and informal, housecleaning is one of the occupations chosen by Brazilian women. An ethnography with 42 Brazilian women working as cleaners in Boston, USA, bases this article. These women have been cleaning American homes for years and, little by little, have structured solid and profitable businesses. These women are conscious of their own work, its influence the ways they build themselves as immigrants and Brazilians. In the *housecleaning* scenario, contact with Americans, with other immigrants and with the Brazilian community enriches this process. The article analyses the construction of Brazilian social identity of this group from its professional niche.

* Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e pesquisadora da ONG socioambiental Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN).

palavras-chave: emigração brasileira, trabalho doméstico, identidade social, contato interétnico

key-words: brazilian migration, housecleaning, social identity, interethnic contact.

INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas, os brasileiros têm emigrado num fluxo crescente para países primeiro-mundistas em busca de emprego e renda. Boston, nos EUA, tem sido um dos destinos favoritos e, entre as mulheres, a faxina doméstica é uma das alternativas de trabalho mais comuns e convenientes¹. A percepção que essas mulheres têm de seu trabalho como *housecleaners* influencia a(s) maneira(s) como se constroem como migrantes e como brasileiras². Neste artigo, pretendo fazer uma reflexão sobre a identidade brasileira a partir desse nicho profissional. Antes de compreender como o *housecleaning* é um importante ingrediente nessa autopercepção, deve-se fazer duas ressalvas conceituais para pensar este cenário. Sugiro que se discuta, rapidamente, a noção de identidade étnica e de transnacionalidade.

Para Roberto Cardoso de Oliveira, a identidade de um grupo étnico deve ser pensada, sobretudo, em termos *contrastivos*. Isso quer dizer que “quando uma pessoa ou um grupo se afirma como tal, o faz como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se

defronta” (Oliveira, 1976:5). Assim, como é “uma afirmação do *nós* diante dos *outros*”, a identidade étnica “surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. [...] Ela se afirma ‘negando’ a outra identidade, ‘etnocentricamente’ por ela visualizada” (Oliveira, 1976:8). O autor desenvolve essa idéia mais adiante:

O ‘etnocentrismo’ aqui se caracterizaria pela universal incapacidade da ideologia étnica de relativizar-se; dito de outra maneira, é a virtual incapacidade da identidade étnica produzir uma visão ou um ‘retrato’ da outra (identidade) que lhe é complementar, sem se valer de critérios absolutos, compatíveis com suas representações e abrigados em sua ideologia étnica. Neste sentido, o ‘caboclo’ generaliza automaticamente para todos os seus patrícios os atributos marcadamente *negativos* de sua identidade (Oliveira, 1976:47, grifo meu).

Uma pessoa ou o grupo constrói sua identidade não só por se contrastar com outra pessoa ou grupo, mas, sobretudo, por *discriminar* e/ou *diminuir* o outro. Ao apontar o que se despreza ou desaprova no outro, o indivíduo está, automaticamente, enaltecendo o contrário em si mesmo. “Mas a particularidade da situação que engendra a identidade étnica é a situação de contato interétnico” (Oliveira, 1976:6). Essa idéia é muito importante, pois nos alerta sobre a dimensão *relativa e contextual* da identidade étnica. “A

1 Para uma etnografia mais detalhada do trabalho de *housecleaning* entre emigrantes brasileiras, ver Fleischer, 2000.

2 Este artigo tem como base a pesquisa realizada para minha tese de mestrado em Antropologia Social na Universidade de Brasília. Durante quatro meses, morei e convivi com 42 mulheres que trabalhavam como faxineiras em Boston, Massachussets. Foram realizadas 70 entrevistas, observações das faxinas e convívio social na comunidade brasileira.

identidade étnica não pode ser definida em termos absolutos, porém unicamente em relação a um *sistema* de identidades étnicas” (Oliveira, 1976:9, grifo meu). Uma pessoa só vai ativar seu referencial nacional quando estiver se confrontando com uma pessoa de nacionalidade diferente. Entre pessoas do mesmo país, a identidade nacional não é acionada, mas outros referenciais são utilizados para se identificar (região, raça, classe, etc.). Assim, o que Oliveira enuncia para os estudos indigenistas pode ser transposto para uma realidade urbana e migratória como a que embasa este artigo: “o certo é que um membro de um grupo indígena não invoca sua pertinência tribal a não ser quando posto em confronto com membros de uma outra etnia. Em isolamento, o grupo tribal não tem necessidade de qualquer designação específica” (Oliveira, 1976:36).

A identidade étnica, portanto, deve ser compreendida em sua formulação *contrastiva*, em sua existência dentro de um *sistema de relações interétnicas* e em seu referencial *contextual*. Instrumentalizados com essas idéias, precisamos acrescentar um outro ingrediente, central às identidades que se formam em cenários internacionais. Só podemos compreender como se forma a identidade dessas brasileiras emigradas se contemplarmos sua dimensão *transnacional*.

Para os emigrantes brasileiros, o local de origem e o local de chegada estão permanentemente em conexão. Não apenas duas temporalidades coexistem (antes e agora), mas, como mostrou Assis (1999), duas espacialidades (aqui e lá) passam a ser consideradas. Isso quer dizer que o cotidiano desses emigrantes é permanentemente pautado pelas lembranças e pelo contato

com o Brasil. O fato de eles trabalharem e viverem com conterrâneos faz com que o português seja falado, que as histórias do Brasil sejam compartilhadas, que notícias da comunidade sejam passadas adiante, que dicas sejam dadas sobre tarifas telefônicas, passagens, festas e cultos brasileiros. Estar entre “iguais” permite que o Brasil seja a moeda corrente das relações sociais.

Os elos com a cultura brasileira são mantidos na comunidade étnica local e com os que ficaram no Brasil. Não só as remessas, telefonemas e cartas sustentam esses laços, como também, principalmente, a promessa do retorno os mantém firmes e vivos. É importante lembrar que o “encolhimento do mundo” (Harvey, 1993) facilita e acelera as relações transcontinentais devido ao progresso nas áreas de transporte e comunicação (aviões, telefone, fax e, mais recentemente, internet). Novas tecnologias encolhem as distâncias e o tempo. Para Assis, “a história da migração é de quem vai e de quem fica” (Assis, 1999:129); nesse sentido, estamos falando de transnacionalidade, definida como um processo que “migrantes, através de sua vida diária e de suas relações sociais, econômicas e políticas, criam campos sociais que cruzam fronteiras nacionais” (Glick-Schiller *et alii*, 1993:27).

O caráter transnacional da emigração brasileira relativiza as idéias estáticas e limitadas de nação e território. A instalação dos “transmigrantes” em um local e a manutenção dos laços sociais com outro local criam processos sociais que cruzam e revisam as definições de fronteiras nacionais. O Brasil é recriado em várias localidades no exterior. “Os transmigrantes

desenvolvem e mantêm múltiplas relações – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas, políticas – que ampliam as fronteiras colocando em inter-relação o local e o global” (Glick-Schiller *et alii*, 1993:16). E, assim, as autoras sugerem que a transnacionalidade nos estimula a pensar migração não como *ruptura*, mas como *relação*.

Admitir que essa emigração tenha um caráter de transnacionalidade desafia o entendimento de que a identidade seja sempre associada (ou derivada) da identidade nacional. Glick-Schiller, Basch e Blanc tomam as migrações internacionais contemporâneas para mostrar que a identidade não necessariamente continua a significar lealdade a Estados-Nações e propõem que pensemos em “Estados-Nações desterritorializados”. Talvez seja mais adequado pensar nossos migrantes como brasileiro-italianos, brasileiro-americanos³ (ou, até, criar novas nomenclaturas para novas realidades, como brasiguaios, brazucas, etc.). As autoras ressaltam que essa desterritorialidade, ao invés de criar indivíduos desgarrados ou “cidadãos do mundo”, só (re)cria a nacionalidade. É justamente a condição de migrante desses brasileiros que os faz mais próximos e engajados com a brasilidade (mesmo que isso tome corpo de variadas maneiras, em vários países⁴).

Viver dois tempos e dois lugares simultaneamente nem sempre constitui

uma experiência agradável. Alguns “transmigrantes” podem alegar que essa situação é a expressão máxima da modernidade. Porém, em geral, a saudade, a solidão, o estranhamento, o sentimento de inadequação e “o dilaceramento entre as necessidades emocionais e materiais” (Margolis, 1998:114) são aspectos que norteiam o cotidiano dos emigrantes brasileiros. A transnacionalidade pode ser devastadora porque tange diretamente a constituição da identidade e media o “estar no mundo”. A dualidade pode levar a uma “identidade multifacetada”, alimentada por um harmonioso *bricolage* cultural, ou gerar uma “esquizofrenia identitária”.

As ambigüidades que embasam a identidade desses transmigrantes podem produzir uma feliz combinação, que os permita transitar com facilidade e eficiência pelos dois mundos, como podem resultar em uma dificuldade de se sentir “em casa” e de gozar do pertencimento social e cultural. Muitos dos brasileiros entrevistados comentavam como era comum estar em um lugar e desejar estar em outro. Quando estavam trabalhando e ganhando seus sonhados dólares nos EUA, sentiam uma saudade dilacerante do Brasil, da família, do sol, da cerveja, dos amigos, das festas, etc. Então, buscavam o *green card* para poder retornar ao Brasil. Chegando aqui, achavam que tudo funcionava mal, execravam a corrupção, a violência e o desrespeito aos direitos humanos e não compreendiam como era possível viver em uma sociedade tão desorganizada. De posse do *green card*, voltavam frustrados aos EUA na esperança de se sentirem mais adaptados. Contudo, para sua surpresa, o processo só recomeçava.

3 Os jornais têm começado a utilizar tais referências. Por exemplo, o jornalista Renan Antunes de Oliveira, correspondente nos Estados Unidos do jornal *O Estado de São Paulo*, chama os 6.800 brasileiros que, desde o início de 1995 até outubro de 1997 optaram e conseguiram a cidadania de “brasileiros-americanos” (27/09/98).

4 A esse respeito, ver RIBEIRO, 1998b.

Glick-Schiller, Basch e Blanc já previam que haveria conseqüências complicadas. Como sugerem que a migração não seja pensada como ruptura, é preciso equacionar a relação resultante entre a vida no Brasil e a vida nos EUA e definir onde começa e onde termina a importância de cada país para esses migrantes. Os migrantes transnacionais devem tentar se “sentir no mundo” com base na sua experiência de ambigüidade. As autoras notam o mesmo entre seus entrevistados: “as experiências e vidas dos granadinos não era *bruscamente segmentada* entre sociedade anfitriã e original. Era difícil identificar onde eles pertenciam” (Glick-Schiller *et alii*, 1993:5, grifos meus). Com isso, as três autoras descartam que os valores do país de origem e do país de destino se excluam ou substituam: “eles são parte de uma única experiência social” (Glick-Schiller 1993:5).

IDENTIDADE E *HOUSECLEANING*

As brasileiras entrevistadas para esta pesquisa vivenciavam essas ambigüidades cotidianamente e, com isso, eram desafiadas a fazer sentido da experiência migratória. No cenário do *housecleaning*, o contato com os americanos, com outros migrantes e com os brasileiros complexifica esse processo. Pretendo utilizar a relação dessas mulheres com seu trabalho para pensar como suas identidades são criadas.

Quando as entrevistadas discutiam seu trabalho, sempre conduziam as conversas com base em dois tipos de comparação. Em primeiro lugar, elas pensavam sobre o grande leque de trabalhos realizados por outros estrangeiros e, principalmente, aqueles realizados dentro das casas dos

americanos. Há um desdobramento importante nesse primeiro ponto. Elas sempre comentavam sobre o trabalho das *housecleaners* hispânicas. Nesse contexto, elas estavam se pensando enquanto *migrantes* e *housecleaners*. Em segundo lugar, elas comparavam o *housecleaning* com a limpeza de casa no Brasil. Essa discussão é muito rica porque ressalta os valores associados ao trabalho doméstico no Brasil e como eles são revistos e redimensionados no contexto migratório. Vejamos, portanto, como a incorporação no cenário da migração amplia as variáveis que essas brasileiras manipulam para construir, sempre de maneira *contrastiva*, sua identidade.

TRABALHOS DE MIGRANTES

Os migrantes laborais que vão para os EUA se engajam em uma variedade de trabalhos. Eles podem trabalhar em restaurantes, lanchonetes, asilos, hospitais, fábricas, táxis, construção civil e outras atividades do setor informal da economia americana. Os migrantes, na maioria das vezes, desempenham tarefas braçais e tendem a ser supervisionados por superiores desrespeitosos e autoritários. Os brasileiros reconhecem que, enquanto migrantes, todos compartilham as mesmas condições de trabalho árduas, insalubres e injustas. Em geral, os americanos associam o trabalho braçal à pouca escolaridade ou competência. Os brasileiros, independentemente do grau de instrução, também são definidos dentro desses parâmetros:

Na época que o meu padrasto era *housekeeper* de hospital, os superiores americanos falavam assim: “eu não

acredito que você é engenheiro e está aqui limpando hospital! Quem vai limpar hospital é quem não tem estudo”. Eu só tenho o segundo grau, mas eu conheço muita gente que é formada no Brasil e chega aqui e limpa casa (Gláucia).⁵

Eles percebem, portanto, que, aos olhos dos americanos, não há diferenciação entre os trabalhadores migrantes. Veremos adiante como o *housecleaning* é a oportunidade utilizada para tentar desfazer esse “mal entendido” cultural.

Limpando as casas de seus clientes mais abastados, essas *housecleaners* percebem a movimentação de outros empregados, como *window washer*, *baby-sitter*, polidor de móveis, limpador de cristais, porteiro, motorista, *housekeeper*, cozinheira, passadeira, mordomo, garçom, jardineiro ou lavador de carros. Elas notam que, em geral, essa mão-de-obra é migrante, não possui qualificação profissional nem o domínio do inglês e é contratada, sobretudo, para desempenhar tarefas braçais e servis. Tais trabalhadores contextualizam a situação dessas brasileiras no mundo do trabalho. Elas concluem que essas atividades distanciam tais personagens de seus empregadores por aspectos de classe, gênero e etnia. Aprendem que, também nos EUA, os trabalhos domésticos são pouco prestigiados e, em geral, realizados por minorias. Apesar disso, alguns têm acesso à privacidade dos lares, reduto tão preservado na cultura americana, e, por isso, acabam envolvidos nos ambíguos emaranhados das relações pessoais.

5 Os nomes das entrevistadas são fictícios para garantir a privacidade e a segurança dessas migrantes, muitas vezes ilegais em solo norte-americano e temerosas dessa situação vulnerável e desconfortável.

Contudo, as *cleaners* diferenciam seu trabalho daquele feito por *baby-sitters*. As brasileiras notam que os empregadores são mais exigentes na escolha das babás. Preferem as migrantes européias e procuram experiência e “bons antecedentes” porque “o que pesa são os filhos. Eles querem ver se você vai ter aquele cuidado com a criança, ver se você não vai maltratar” (Gláucia). A escolha das faxineiras não é feita com a mesma exigência: “eles vão experimentar a *housecleaner*, se não gostar, arranjam outra. É fácil, todo mundo faz limpeza de casa” (Gláucia). O trabalho de faxina é mais dispensável e disponível e a individualidade e prática da faxineira influem menos em sua contratação. Ao preferir que o contato com suas crianças seja feito por mulheres brancas, o empregador esboça seus preconceitos:

Eles preferem contratar européias, irlandesas. Você não lembra do caso que teve da menina que recebeu prisão perpétua porque a criança morreu nos cuidados dela? Ela era inglesa. Mas os EUA e o mundo inteiro de cima deram apoio porque ela era inglesa. Mas a mulher rica para quem trabalho falou, “*she’s british but she’s a bad person*”. O que eles tão pensando? Apesar de ela ser inglesa, ela é uma pessoa ruim! (Graça).

BRASILEIRAS E HISPÂNICAS NO HOUSECLEANING

Ao observar outros migrantes trabalhando em solo americano, essas entrevistadas comparam seu trabalho, bem

como as diferenças culturais entre os mesmos. Pela concorrência direta, o contato mais próximo com migrantes de outras nacionalidades se dá com as *housecleaners* hispânicas. Como sabemos, há muitas décadas, mulheres de vários países latino-americanos também trabalham fazendo limpeza nas casas americanas (Romero, 1987 e 1988).

Para os americanos, basta saber que são hispânicos, e não europeus, africanos ou orientais: “de repente os meus clientes me consideram estrangeira, mas não “espana”. A gente que é estrangeira vê essa diferença. No caso dos americanos, se é de fora, é imigrante, tudo num saco de gato só” (Graça). Os brasileiros não aprovam essa generalização. Acreditam que são muito diferentes de seus vizinhos hispânicos e fazem questão de enfatizar isso. A diferença é construída com base no contraste: aos hispânicos são associados aspectos negativos para definir, por comparação, os brasileiros. Estes aproveitam, inclusive, para reproduzir alguns dos estereótipos que os americanos constroem.

O problema é que, em tese, os americanos também estão incluindo os brasileiros nesses estereótipos, já que eles também são originários da América Latina. Os brasileiros, então, precisam aprofundar suas diferenças nesse cenário de diversidade cultural: a solução é distinguir-se pela língua franca da migração, isto é, o trabalho. Assim, especificidades da cultura brasileira servem para construir o perfil de trabalhador e de migrante que o brasileiro se vangloria de ser nessas terras estrangeiras. É esse trabalhador que vai tentar desbancar a concorrência e a imagem negativa dos migrantes hispânicos.

Assim como os americanos, os brasileiros não conseguem e também não se interessam em reconhecer as diferenças entre as variadas nacionalidades de migrantes. A generalização serve para homogeneizar e, nesse caso, estigmatizar o “outro”. Termos vagos e gerais são empregados para uma ampla diversidade étnica: os americanos usam “hispanics” ou “latin americans” e os brasileiros, “espano”:

Os *espanos* que a gente fala pode ser o pessoal mexicano, de Santo Domingo, da República Dominicana, do Caribe, Porto Rico. Então, quando a gente fala “espano”, virou quase uma expressão. Porque todo mundo está falando espanhol e a gente não sabe, a gente não identifica de onde que eles vêm. Nem sempre é da Espanha (coitados dos espanhóis). Então, pelo sotaque, não dá para identificar direitinho (Antônia).

Do mesmo modo como fazem os americanos, as entrevistadas associam a imagem dos hispânicos à violência, à formação de gangues, à criminalidade, ao tráfico de drogas: “tem várias raças aqui na América que são bichados. Igual o espano. Eles são mais rebeldes, nas áreas deles tem muito crime, roubo” (Gláucia). Eva nos dá um exemplo comparativo desses efeitos da presença hispânica: “a Flórida foi invadida por toda aquela América Central, o pessoal de Porto Rico, México, aqueles espanos pobres invadiram a Flórida. Tanto que, aqui em Massachussets, quando você sabe de um assalto, ainda é um escândalo, mas, na Flórida, é como o Rio de Janeiro, é tão perigoso quanto lá”. Os estudiosos da

emigração brasileira notam a mesma distância e discriminação em relação aos hispânicos em outras localidades⁶. Sales (1998b:184), por exemplo, encontrou negatividade semelhante: “os estereótipos sobre os hispânicos mais comumente falados por imigrantes brasileiros são os de que eles não trabalham, vivem do *Welfare* e vendem droga”.

O problema é que, pelo fato de os americanos terem dificuldade em distinguir os latino-americanos, a imagem de mau comportamento dos hispânicos acaba por macular a imagem dos brasileiros, como nos mostra a Graça: “eu sinto que os espanos são burros, eu acho que eles acabam um pouco com a raça dos estrangeiros porque eles fazem muita coisa errada. Não gosto muito que me comparem com essa raça”.

A reação dos brasileiros é justamente aquela realçada por Oliveira (1976): um esforço constante em direção à diferenciação. Além de se definirem como mais pacíficos e ordeiros e não tão miseráveis e desesperados, os brasileiros gostam de enaltecer sua superioridade em termos de escolaridade. Mesmo que o grau de instrução não seja um critério para a contratação de mão-de-obra braçal, Salete acredita que “tem muito brasileiro aqui de escolaridade de segundo grau, gente de um nível melhor, classe média no Brasil, diferente do nível dos hispânicos. E americano saca isso”. Além disso, os brasileiros “tentam se distinguir lingüística e culturalmente de outros grupos migrantes latino-americanos em Nova York devido ao seu orgulho cultural” (Margolis, 1998:103):

A minha cunhada falou uma vez para um cliente, “*I’m not hispanic*”. Eu falei para ela, “você nunca fala assim, você fala, *I don’t speak Spanish*”. Eles vão logo saber que você não é espana”. Eu faço isso. Se a cliente vem falar espanhol, eu falo, “eu entendo espanhol, mas eu não falo”. “Não, você não é espana?” “Não, eu não sou”. “Que língua você fala?” “Português” (Graça).

Os brasileiros, contudo, acreditam que essa negatividade é atenuada pela diferenciação fenotípica. Por serem mais facilmente distinguidos fisicamente, os hispânicos estão mais vulneráveis às definições pejorativas. Os brasileiros não têm um padrão físico e, confundindo os americanos, se protegem um pouco dessas associações negativas. Contudo, vale ressaltar que vários desses elementos apontados pelos brasileiros para confirmar um suposto sentimento de superioridade já eram sentidos e anunciados no Brasil. O contexto interétnico só ressalta esses estereótipos e preconceitos.

O perfil da emigração também serve para os brasileiros se diferenciarem dos hispânicos. Para Salete, como o migrante brasileiro tem, teoricamente, propósitos temporários nos EUA, ele se esforça para realizar seus objetivos o mais rápido possível:

Eu conheço gente que trabalha 90 horas por semana, só pensando em fazer pé de meia para voltar para o Brasil. Quem migra de El Salvador para cá, migra sabendo que não vai ter como voltar nunca, que não vai

6 Ribeiro (1998a) em São Francisco, Margolis (1994) em Nova York, Martes (2000) e Sales (1998b) em Boston, Oliveira (2000) nos EUA, Torresan (1994) em Londres, Hasenbalg e Frigerio (1999) na Argentina e Bassanezi e Bógus (1998) na Itália.

melhorar mesmo. Colombiano, equatoriano, pessoal de El Salvador, nicaragüense, esse povo sabe que não tem horizonte nenhum, não tem perspectiva nenhuma. Lá é sobra de guerra mesmo. E brasileiro não, é uma emigração flutuante. O povo quer vir, trabalhar e voltar para lá.

No caso da migração brasileira, o motivo principal alegado para deixar o Brasil é a busca por uma reviravolta econômica e, por mais que sua permanência prove o contrário, esses brasileiros partem não só com planos de retorno, como anseiam por isso diariamente. Essas duas características fazem as *housecleaners* brasileiras se pautarem por uma ética econômica e, por isso, dedicarem-se completamente ao trabalho. Os hispânicos também são migrantes, mas, como Salete disse acima, eles partem de seus países em condições muito diferentes. O pouco que deixam para trás não os estimula a voltar e não desperta uma urgência em acumular significativas poupanças. Eles partem de sua terra natal sabendo que, provavelmente, vão viver o resto da vida nos EUA. No horizonte temporal, como salientam Sales (1998b) e Ribeiro (1998b), a ambigüidade entre retorno e permanência é um fator que incide sobre a construção da experiência transnacional do migrante e, portanto, sobre sua identidade.

No trabalho de *housecleaning* propriamente dito, as brasileiras também diminuem o serviço de suas concorrentes hispânicas para ressaltar sua própria competência. Segundo elas, as *cleaners* hispânicas não sabem o ofício (“elas não sabem o que é uma limpeza”, “ela também não vê o detalhe”), não conseguem aprender

(“minha ajudante espanha não vai aprender nunca porque ela já trabalha comigo há quatro anos e eu continuo tendo que checar”), não têm talento, jeito ou inclinação para o ramo (“os clientes não gostam muito porque elas limpam, mas não sabem organizar as coisas direitinho. As brasileiras organizam de um jeito que dá vida no trabalho, realça e o trabalho aparece”), são pouco limpas (“definitivamente, elas têm a mentalidade porca”, “elas não são caprichosas como as brasileiras”), são pouco honestas com os clientes (“limpam por cima ao invés de realmente tirar o sujo”, “usam muito o *Windex* para limpar por cima ao invés de usar produtos fortes como *Soft Scrub*, *Clorox*, *Tailex*”).

Todos esses aspectos revelam algumas técnicas que essas brasileiras adotam e como concebem seu trabalho. É interessante notar como a categoria de limpeza pode ser usada para definir a alteridade. Para essas brasileiras, é imediata a inferioridade do sujeito “sujo”, “porco”, “desleixado”, “descuidado”, “pouco dedicado”, etc.

Assim, as *housecleaners* brasileiras esperam se destacar pelo capricho e cuidado com que limpam a casa das clientes. Além disso, contam que o respeito, a honestidade e a afeição com que tratam suas clientes sejam reconhecidos. Quando ressaltam que as *cleaners* hispânicas são “sujas”, “pouco caprichosas”, “desajeitadas”, as brasileiras estão enaltecendo, por contraste, algumas características que acreditam compor sua brasilidade e, inclusive, abocanhar o mercado. Lintelman notou que empregadas suecas trabalhando nos EUA também tentavam provar a inferioridade de outros grupos migrantes com argumentos bem parecidos aos dessas brasileiras:

Comparações entre as domésticas suecas e aquelas de outros grupos imigrantes ajudaram as primeiras a se estabelecerem em uma rápida hierarquia étnica. Os suecos se gabavam de suas “irmãs serviçais” e eram ligeiros ao apontar sua superioridade sobre domésticas de outras nacionalidades. Uma publicação orgulhosamente afirmava que as mulheres sueco-americanas eram “mais confiáveis e trabalhadoras do que mulheres irlandesas” e por isso “eram mais procuradas para as ocupações domésticas” (LintelmanI, 1991:390).

Outra característica que é sempre ressaltada entre os brasileiros é sua alegria e disposição. Os objetivos da migração e também a cultura trazida do Brasil garantem esse aspecto: “o brasileiro aqui é mão-de-obra que trabalha rindo e cantando 90 horas por semana, achando bom aquilo. Eu não sei se isso acontece com os hispânicos” (Salete)⁷.

Sendo impossível para elas se desfazerem totalmente das associações negativas ligadas

7 Apesar de os brasileiros emigrarem para a Argentina com propósitos diferentes dos que vão para os EUA, Hasenbalg e Frigerio (1999) mostram como os brasileiros também são destacados e apreciados pelos argentinos devido à sua alegria, festividade, bom humor, animação. Sales (1998a:93) aponta como “em janeiro de 1996, a revista *Veja* divulgou uma pesquisa sobre como o brasileiro se enxerga atualmente e como vê o Brasil. [...] A maior percentagem de resposta foi que é um povo trabalhador/lutador. Mas que também é visto como alegre (95%), comunicativo (88%), afetuoso/carinhoso e apaixonado (86%), extrovertido/aberto (85%), otimista (84%)”. A mídia também retrata os brasileiros como alegres, brincalhões e festivos. Os artigos “A conga line from Rio to Café Wha” de David Kirby (*The New York Times*, 17/01/99) e “The newest Bostonians are turning the city into Brazil-away-from-home” de Michelle Chihara (*The Boston Phoenix*, 05/04/99) mostram a difusão das animadas noites brasileiras nos bares de Nova York e Boston.

ao trabalho braçal, essas brasileiras tentam, ao menos, se distinguir pelo seu desempenho no trabalho. O resultado de todas as diferenciações feitas acima reforça um ethos de trabalho observado por outros pesquisadores da emigração brasileira. Ser ordeira, pacífica, honesta, escolarizada, caprichosa, habilidosa, simpática, alegre e esforçada garante que a brasileira seja, sobretudo, uma *housecleaner hardworker*.

Ser faxineira é ser faxineira, você não é nenhuma profissional qualificada. Você não precisa estudar em nenhuma faculdade para aprender a limpar uma casa. Eu acho que a gente é vista entre os americanos assim: alguém que trabalha muito. As clientes reconhecem que nós estamos aqui sem nenhuma qualificação, que a gente trabalha muito, que a gente limpa quatro casas por dia, que nós nunca cancelamos, que a gente está sempre com a cara boa, trabalhando, que nós somos *hardworkers* (Salete).

Sales (1998b) também percebeu como a idéia de *hardworker* é apropriada pelos brasileiros em Framingham, Massachussets, para se destacar dos outros migrantes e para forjar uma imagem positiva e requisitada entre os americanos. A autora lista os motivos que os tornam *hardworkers*, apontados também por essas *housecleaners* entrevistadas: “[o imigrante] trabalha muito, em jornadas absurdamente elevadas por dia, sem domingo nem feriado. [...] Ao chegar, o imigrante não pode se dar ao luxo de escolher, tem que trabalhar duro no que aparece, precisa saldar suas dívidas” (Sales, 1998b:180). Um dos entrevistados de Sales arremata com um último ponto, “o fato da

gente não falar a língua aqui, de início, leva você a aceitar qualquer coisa. [...] Ele é humilhado e, ele, não sabendo a língua, não tem como revidar, está rindo o tempo todo. [...] A única expressão que nós temos é o trabalho” (Sales, 1998b:181).

No caso desta etnografia, a competência para limpar, a disponibilidade para cuidar e agradar e a fidelidade em relação aos próprios sonhos fazem essas brasileiras se sentirem migrantes e *housecleaners* de qualidade superior. Com isso, elas tentam desfazer os mal-entendidos culturais e provar aos americanos e, em especial, a seus empregadores, que elas são diferentes e, por isso, merecem preferência, reconhecimento profissional e respeito. Essa estratégia demanda muita dedicação e resulta na formação de um nicho étnico ocupacional. Isso é, dentro da comunidade étnica e, aos poucos, entre os empregadores americanos, essas brasileiras vêm sendo identificadas como empresárias competentes e bem sucedidas do ramo de *housecleaning*. Hasenbalg e Frigerio (1999:100) ressaltam “que um capital cultural pode ser utilizado como recurso profissional [...] e faz possível a existência de um nicho ocupacional”. Assim, o capricho, a experiência e a disposição para o trabalho são ingredientes que vêm sendo elencados como capital cultural por essas brasileiras para ganhar o mercado da faxina doméstica, o respaldo na comunidade étnica e visibilidade no cenário migratório.

HOUSECLEANERS EM BOSTON E FAXINEIRAS NO BRASIL

Vejamos como essas *cleaners* contrastam sua experiência com o trabalho doméstico

no Brasil. A primeira constatação é que o trabalho doméstico nos EUA é bem mais fácil do que o realizado no Brasil. A *housecleaner* se diferencia de muitas maneiras da empregada doméstica ou diarista no Brasil:

a) Ela é uma profissional autônoma e não considera a americana como patroa, e sim como cliente: “a história de não ser subordinado a ninguém é uma coisa que todo mundo considera. É estar com as rédeas na mão da sua própria vida” (Salete).

b) Ela é bem remunerada: “os brasileiros que vêm para cá limpar a casa desse povo nunca limpam e não vão limpar casa no Brasil. Porque aqui você ganha dinheiro com isso e lá não” (Solange).

c) Ela é respeitada e encontra trabalho apesar de ser uma migrante ilegal, estrangeira e não ter domínio total da língua.

d) Ela dita quais serão suas atribuições, qual técnica de limpeza deve empregar e negocia o salário que deseja receber.

e) Ela se beneficia das tecnologias de limpeza que lhe poupam tempo e esforço físico.

f) A faxina é feita, no mínimo, semanalmente. Isso valoriza o trabalho e torna a relação com a cliente mais profissional.

g) Ela tem acesso à casa, à chave, ao código do alarme e ao pagamento (que é deixado em cheque sobre a mesa). Isso flexibiliza o trabalho, profissionaliza a relação e confirma a confiabilidade da *cleaner*.

h) Ela tem a oportunidade de conviver com os americanos em sua intimidade e conhecer sua cultura: “Religião, modo de vestir, forma de alimentação é o importante para eles. Só trabalhando dentro da casa e tendo contato direto com eles que você vê isso. Trabalhar em *Burger King*, *Dunkin’ Donuts* ou na pintura, você vai passar pela

vida do americano sem saber deles e do que realmente está acontecendo” (Mariana).

i) Ela tem acesso a relações sociais um pouco mais horizontalizadas: “A gente entra na casa da mulher, elas conversam, tratam a gente bem, perguntam do nosso filho. No Brasil, tem que ser muito conhecido para ser assim. É questão de classe social. Tu está lá embaixo e eu, que sou tua patroa, estou aqui em cima. Eu tenho cliente que quando chega época de Natal, elas vêm, abraçam a gente, beija, dão presentes. Isso aí é um incentivo para a gente” (Carmem).

É importante ressaltar que o *housecleaning* só constitui essa boa opção delineada acima porque é sempre comparado com a realidade do trabalho doméstico no Brasil e, principalmente, porque é contextualizado no cenário da migração, como Carolina, Cristina e Eulália nos mostram:

Cristina: Eu não me sinto rebaixada limpando casa.

Eulália: Você não sente *aqui*. Aqui todo mundo está no mesmo nível. Se você for pro Brasil, jamais vai querer ser faxineira limpando a casa dos outros. Porque a discriminação pesa muito.

Carolina: É diferente. Aqui a gente sente à vontade porque está no meio de todo mundo que faz a mesma coisa. O que era no Brasil zerou.

Cristina: Aqui, nós somos iguais, está todo mundo ralando. No Brasil é que há essa diferença, porque eu sou isso, eu sou aquilo, eu estudei. Quando um brasileiro que estava aqui volta para lá, você se sente importante.

Carolina: Porque você estava nos EUA.

Cristina: Não, não é questão de se sentir importante. Mas lá, as pessoas te dão valor, mesmo você sendo *housecleaner* aqui nos EUA porque quando você chega lá, eles te dão valor. Agora, se você for fazer o mesmo trabalho no Brasil, não pode misturar as coisas. As pessoas no Brasil, infelizmente, só valorizam aqueles que estão lá em cima, aquelas pessoas que fazem isso ou aquilo, que estudaram. Quem não tem estudo ou tem um subemprego, já não tem o valor. Aqui não, aqui você é igual.

Essas entrevistadas reconhecem que o trabalho doméstico tem um baixo *status* nos EUA e no Brasil, mas que, no primeiro país, elas trabalham menos e conseguem realizar os projetos envolvidos em suas migrações. Os americanos não desejam trabalhar como *housecleaners*, mas estão dispostos a pagar para quem o faça. Assim, apesar do baixo *status* da profissão, dentre os trabalhos de migrantes o *housecleaning* é bastante valorizado e o sucesso financeiro e empresarial destaca essas brasileiras na comunidade étnica. Todas as entrevistadas reconhecem esse rebaixamento de *status* e decidem entre reverter, aceitar ou compensá-lo. Algumas pessoas preferem se enquadrar nos valores do contexto americano e naturalizar sua condição de migrante. Assim, algumas *cleaners* não se vêm na mesma condição inferiorizada de sua empregada doméstica deixada no Brasil. Elas se percebem como profissionais, independentes e realizadas:

No Brasil, a faxineira, por mais que seja aquela que chama de diarista, que

passa o dia e vai embora, é muito mais submissa ao patrão do que aqui na América. Aqui, eu sou meu patrão, dona do meu negócio. Desde que eu comecei a estudar inglês, uma coisa ficou clara na minha cabeça: as pessoas são garçom, pintor de parede, jardineiro por *opção*. Porque isso dava dinheiro suficiente para eles pagarem suas contas. Se ele tá satisfeito com aquele emprego, está bom demais. Isso não implica nada além disso. É simples, sabe. É uma faxineira e acabou, isso é sua *opção* de vida (Liziane, grifos meus).

O tratamento que recebem de suas clientes e a maneira como a idéia de trabalho é concebida na sociedade americana ajudam essas entrevistadas a repensar o baixo valor que a profissão recebe no Brasil. Os valores levados do Brasil são revistos no novo contexto.

Outras resistem em deixar os valores que levam do Brasil. Maria Lúcia, por exemplo, lembra a concepção de uma amiga conterrânea quanto ao trabalho de *housecleaner*.

No Brasil, empregada doméstica é preta e pobre. O racismo social indiscutivelmente ainda está penetrado no meio de todas as pessoas, seja de que classe social for, rica, classe média ou pobre. A gente traz isso do Brasil. Se uma pessoa aqui na América diz, “eu não faço faxina, eu não me submeto a isso”, é porque tem mentalidade do brasileiro. Tenho uma amiga que falou, “olha, eu comprei uma câmera fotográfica com

o dinheiro que eu ganhei lavando latrina”. [...] Eu sei que essa pessoa não gosta de fazer isso. Teve empregada a vida inteira, classe média. Eu sei que quando ela falou isso, é como dizer, “eu tive que me prostituir para conseguir isso. Eu consegui, mas também eu nunca mais quero fazer isso na minha vida”. Não faz e não vai fazer porque acha que é um trabalho que diminui a pessoa. O americano não tem essa culpa, não.

Em geral, noto que, ao longo da permanência nos EUA, é mais provável que essas duas atitudes sejam mescladas. Gláucia ainda percebe seu trabalho em termos da relação hierárquica encontrada entre patroa e empregada doméstica brasileiras, mas dota a remuneração com um alto papel compensatório, afinal, está na terra das oportunidades.

Igual uma patroa minha do Irã falou para sua *baby-sitter* americana, “no meu país, pessoas como você é servente”. A americana ficou para morrer. Ela falou com a gente: “Eu não sou servente da mulher” e saiu do trabalho. Aí a minha mãe falou assim para a mulher, “no meu país também, pessoas igual eu são serventes”. O que a *baby-sitter* americana achou um absurdo, a gente achou normal. O importante para mim é, no final da semana, estar com o meu dinheiro, que muita gente que está trabalhando atrás de uma mesa não ganha.

Na cultura brasileira, muitos consideram que ser uma empregada doméstica ou uma

faxineira é *ser e ter* muito pouco. E é muito difícil para essas mulheres, que, em geral, deixaram no Brasil posições muito superiores ao trabalho doméstico, assumirem essa atividade nos EUA. Por isso, é importante levarmos em conta as estratégias que elas utilizam para manter a dignidade. A relação pessoal com as clientes, a alta remuneração, a experiência da emigração, o contato com a modernidade, a participação da intimidade e da cultura americanas, o acesso a benefícios sociais (como saúde, educação, transporte e moradia) e o contato com novos valores (como a cidadania) passam a *conviver* com a difícil jornada do *housecleaning*. Algumas não consideram essas oportunidades como compensação suficiente para os sacrifícios que enfrentam. Porém, a maioria reavalia os valores brasileiros e se permite encarar o *housecleaning* sob nova(s) perspectiva(s).

Além das compensações a que essas entrevistadas aludem, Martes nos indica que:

Há uma *mobilidade ocupacional* entre os brasileiros. Os brasileiros recém-chegados geralmente começam a trabalhar na limpeza de hotéis, asilos de idosos ou hospitais, ou ainda como lavadores de pratos ou ajudantes de faxina junto a outras brasileiras que já [“têm”] suas casas. O passo seguinte pode ser o de trabalhar como ajudante de cozinheiro, entregador de jornal ou pizza, balconista em lanchonete ou ainda como *bus boy/ bus girl*. Estes empregos funcionam como “trampolins” para o passo seguinte: construção civil para os homens e faxina doméstica para as mulheres. *Trata-se de uma mobilidade*

invertida se pensarmos em prestígio, mas não se pensarmos em remuneração, o que demonstra que os brasileiros adotam critérios diferentes nas duas sociedades (Martes, 2000:104, grifos meus).

Assim, há uma hierarquia entre as atividades disponíveis aos migrantes brasileiros nos EUA e o *housecleaning* está no topo dessa hierarquia, com base, principalmente, na remuneração e na autonomia. Assim, a tendência é que essas *cleaners* revejam o baixo *status* do seu trabalho e legitimem uma nova ordem ocupacional no cenário migratório.

Virar uma *housecleaner* nos EUA é uma experiência transformadora não só no cotidiano em Boston. A realidade do trabalho doméstico no Brasil também é repensada. Elas sempre comparavam sua situação com aquela de suas empregadas e faxineiras no Brasil. Muitas, inclusive, reconhecem que tratavam-nas com menos consideração do que suas piores clientes nos EUA. O resultado é que, quando o retorno ao Brasil é considerado, elas optam por novas atitudes quanto à limpeza de suas casas (que passará a ser semanal e usando mais tecnologia) e quanto ao tratamento de suas contratadas (elas preferem ter diaristas, vão pagar todos os direitos trabalhistas, não vão tratar suas contratadas como indivíduos inferiores socialmente, etc.). Mesmo que essas mulheres nunca retornem ao Brasil, a experiência migratória já vai ter provocado uma reflexão sobre sua própria cultura. A comparação inspira a reavaliação dos próprios valores e a seleção daqueles que vão ser utilizados para resignificar a complexidade do que seja “Brasil”. É

interessante notar que a compreensão da cultura é *dialógica*, como nos lembra Martes:

É olhando para o Brasil que eles avaliam a sociedade americana. Não por acaso, vários aspectos considerados positivos nos EUA são justamente aqueles considerados negativos no Brasil e vice-versa. [...] Portanto, afirmar que os imigrantes avaliam o país de destino olhando para o país de origem não significa que eles estejam olhando apenas para trás (Martes, 2000:153).

MIGRAÇÃO, HOUSECLEANING E IDENTIDADE

Assim, segundo essas entrevistadas, no Brasil, há *diferenças* que separam e distanciam as pessoas, as classes, as raças, as profissões. E, nos EUA, os migrantes brasileiros se sentem como *iguais* de três maneiras. 1. Perante o empregador americano, um paulista e um nordestino, um negro e um branco, um “filhinho de papai” da zona sul e um favelado do subúrbio são vistos da mesma forma: mão-de-obra barata e conveniente e parte do mesmo “saco de gato espano”. 2. O mesmo procede frente aos hispânicos; nesse caso, a identidade utilizada é a nacional: são todos brasileiros compartilhando aqueles símbolos utilizados para se distinguir e se sobressair em relação a esses outros latino-americanos. 3. Frente aos brasileiros que ficaram no Brasil, essas pessoas são migrantes bem-sucedidos, realizando seus sonhos, independente do subemprego que encontram.

“Na verdade, as identidades regionais e locais perdem seu peso relativo quando o

outro é um estrangeiro, mas mantêm sua eficácia na organização da experiência migratória e internamente ao cotidiano da ‘comunidade’ brasileira em São Francisco” (Ribeiro, 1998c:14). O mesmo se passa em Boston: os problemas surgem dentro da comunidade étnica, em que as clivagens da sociedade brasileira continuam a fazer sentido. Nesse contexto, é preciso distinguir os referenciais que trazem do Brasil e voltar a diferenciar rico de pobre, funcionário de biscateiro, galega de moreninha. Os três tipos de *igualdade*, apontados no parágrafo anterior, que essas brasileiras encontram no contexto migratório dos EUA são desafiados (ou complementados) pelas *diferenças* encontradas dentro da comunidade étnica e na volta ao grupo social deixado no Brasil. Em síntese, a identidade étnica no cenário migratório precisa ser compreendida de forma contrastiva, contextual e relativa:

1. Na casa americana, as *cleaners* brasileiras:

a) Compartilham com os demais trabalhadores domésticos as mesmas condições de trabalho e o valor associado aos empregados e, juntos, tentam conter os ímpetos exploradores de seus patrões.

b) Rivalizam com os mesmos trabalhadores domésticos pela atenção do patrão. Comparam, por exemplo, os trabalhos de *baby-sitter* e *housecleaner* para ilustrar como é difícil equacionar a diferença entre trabalho “intelectual” e “braçal”, respectivamente.

2. No sistema interétnico dos EUA, as *cleaners* brasileiras:

a) Compartilham com outros migrantes das mesmas condições de trabalho e com eles se unem contra empregadores exploradores, contra os estereótipos que os americanos

formulam em relação aos migrantes e para defender a América Latina, a América do Sul, o Terceiro Mundo, o trabalho migrante, a cidadania para estrangeiros.

b) Concorrem por postos de trabalho. Lutam para se distinguir de outros migrantes e criar uma impressão positiva. Ressaltam sua identidade nacional para provar sua competência profissional, criar um nicho étnico ocupacional e alimentar o sentimento de superioridade étnica.

3. No cenário transnacional:

a) Os brasileiros formam uma comunidade étnica unida frente às críticas de americanos, hispânicos, empregadores de mão-de-obra migrante, Immigration and Naturalization Service (*INS*) e brasileiros que ficaram no Brasil.

b) Por outro lado, esses emigrantes brasileiros se dividem em variadas clivagens dentro da comunidade étnica de Boston: a) quanto à migração: entre migrantes temporários (que apenas “buscam o ouro”) e permanentes, entre migrantes recentes e antigos, entre “adptacionistas” (que defendem a assimilação à cultura americana) e “ufanistas” (que pretendem preservar a cultura brasileira “imaculada” de influências americanas), entre os que possuem o *green card* e os *overstayers*⁸, entre os delatores ao *INS* e os delatados; b) quanto ao trabalho: entre ocupar atividades típicas de recém-chegados (*dicha*⁹, *housekeeper* em asilo e ajudante) e atividades do topo da mobilidade ocupacional (*housecleaners*, empresários), entre superiores e inferiores em uma mesma atividade (donas

do negócio de limpeza e ajudantes, chefes de cozinha e *dicha*, dono do salão de beleza e manicure), entre concorrentes do mesmo ramo (duas *housecleaners*, dois entregadores de pizza); c) quanto às diferenças trazidas do Brasil: entre classes, Estados, raças, escolaridade, times de futebol, partidos políticos, etc.

Todos esses aspectos revelam como as técnicas que os brasileiros adotam em seu trabalho e a maneira como o concebem são utilizadas para definir seu lugar enquanto migrantes, *housecleaners*, latino-americanos e brasileiros. São migrantes, mas não trabalham dando duro em lavouras ou fábricas, e sim “protegidos” dentro da casa dos americanos, com a oportunidade de ter acesso à sua cultura e intimidade. São *housecleaners*, mas não são como as hispânicas, tidas como “preguiçosas”, “sujas” e “desajeitadas”, e sim “*hardworkers*”, “caprichosas” e “jeitosas”. São latino-americanos, mas não são hispânicos “pobres”, “pouco escolarizados”, “desesperados”, “refugiados”, e sim brasileiros com “certo nível” de escolaridade e profissionalismo, provindos de famílias constituídas e respeitadas e “podendo” voltar ao seu país quando desejarem. E, finalmente, são brasileiros, mas não como os que somente “buscam o ouro” e vivem só pelo dinheiro, não aprendem inglês e não se interessam por conhecer a cultura americana, e sim cosmopolitas, modernos, instruídos, bem adaptados à cultura envolvente, gozando das oportunidades de lazer e de convívio com os americanos.¹⁰

A alteridade realça o que é considerado positivo para compor a própria identidade. O

8 O *overstayer* é o migrante que permaneceu no exterior após a data de validade do seu visto de turista. É dessa forma que os migrantes brasileiros geralmente ficam nos EUA.

9 *Dishwasher* é quem lava pratos num restaurante ou bar. O termo foi aportuguesado na comunidade brasileira como “*dicha*”.

10 Martes (2000), Sales (1998b) e Margolis (1998) também mostram como os brasileiros em Boston e Nova York que tendem a discriminar seus compatriotas mais humildes rotulando-os de “roceiros” e “ignorantes”.

“outro” realça o “nós”, seja por contraste ou comunhão. Essa realidade foi sintetizada por Ribeiro:

A identidade nacional, como qualquer identidade social ou étnica, opera em relação às necessidades externas e internas do segmento brasileiro e é (re)construída em termos das ideologias e símbolos nacionais comuns na experiência anterior à migração, tanto quanto em termos de como ela se relaciona com a lógica e dinâmica do novo sistema interétnico em que se inserem. A identidade nacional torna-se, então, ao mesmo tempo, uma verdadeira identidade inter-nacional e a mais importante para as interações diárias no espaço público (Ribeiro, 1998c:13).

Ademais, não podemos pressupor que só pelo fato de estarem em um cenário migratório multiétnico, os brasileiros vão necessariamente ser unidos por compartilharem uma mesma nacionalidade nem vão ter uma identidade nacional homogênea e constante¹¹. Martes (2000:155) acentua que “as clivagens mostram que ter nacionalidade brasileira nem sempre é suficiente para que as pessoas se identifiquem, se agrupem e se sociabilizem”.

Mas é importante considerarmos que, no cenário da migração, a identidade se amplia, enriquece e flexibiliza. Essas brasileiras se defrontam com novos grupos e novos desafios e precisam se posicionar frente a eles. A identidade nacional é acionada perante outros migrantes e perante suas

clientes americanas, e outras identidades são ativadas perante seus compatriotas emigrantes. Assim, a identidade precisa continuar a ser pensada como Oliveira (1976) nos recomendou, contrastiva e, principalmente, contextual. Essas idéias nos ajudam a compreender o que motiva, por exemplo, esses brasileiros ora a se aproximarem dos hispânicos e ora a execrá-los ou então, ora a fortalecer a comunidade étnica e ora a fragmentá-la. Martes nos sugere que a identificação étnica tenha um *caráter instrumental*. Para a autora, esses brasileiros

querem uma referência a partir da qual possam defender seus interesses. [...]

A sociedade americana discrimina e classifica pessoas com base na etnicidade e os brasileiros tentam tirar vantagem dos aspectos positivos deste sistema. [...] Eles mudam sua ênfase étnica dependendo do contexto e das situações geradas pelos grupos aos quais estão associados. Dito de outro modo, eles definem uma identidade étnica por razões instrumentais (Martes, 2000:178-179).

Quando as entrevistadas comumente repetiam o que Eunice expressou como “foi limpando casa aqui que eu adquiri o dinheiro para fazer a casa lá”, vemos como a migração é o meio para conquistarem seus sonhos, mesmo que sejam concretizados alhures. Porém, justamente a inviabilidade econômica do Brasil que leva esses emigrantes até os EUA é o que dificulta seu retorno. Eles sonham com a casa própria no Brasil, mas reconhecem que nesse mesmo Brasil não vão encontrar

11 Torresan notou o mesmo em sua pesquisa: “o fato de serem brasileiros em Londres não torna todos iguais” (TORRESAN, 1994:114).

trabalho e renda para manter essa casa. Sabem disso por relatos de retornados ou por suas próprias tentativas de regresso. Eles podem até conseguir a casa no Brasil, mas começam a se enraizar nos EUA. Quando emigram, não imaginam como a expressão “vim buscar minha casa” significa muito mais do que uma construção em tijolo e cimento. É lá fora que, pela primeira vez, eles vêem o Brasil como uma nação, como uma totalidade. É a primeira vez que eles precisam analisar sua bagagem cultural nacional e selecionar os símbolos que desejam como representativos e distintivos. Por mais paradoxal que pareça, nos EUA eles se sentem *mais brasileiros*. É nesse outro país que sua “casa” passa, mais do que nunca, a sediar o Brasil que almejam. É nesse novo endereço que vão reconstruir uma filial daquela casa planejada, inicialmente, no Brasil. É nos EUA que estão criando o Brasil com que sempre sonharam.

Artigo aceito para publicação dia 12/03/2003.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Gláucia. “Estar aqui, estar lá: uma cartografia da emigração valadareense para os EUA” In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Tereza (orgs.). *Cenas de um Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, pp. 125-166.
- BASSANEZI, Maria Sílvia B. e BÓGUS, Lucia M. M. “Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social”. Trabalho apresentado no GT Migrações Internacionais no XXII Encontro Anual da ANPOCS, 1998.
- FLEISCHER, Soraya. *Passando a América a limpo: O trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
- GLICK-SCHILLER, Nina, BASCH, Linda e BLANC, Cristina Szanton. *Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states*. Newark: Gordon and Breach, 1993.
- HARVEY, David. *The condition of post-modernity*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- HASENBALG, Carlos e FRIGERIO, Alejandro. *Imigrantes brasileiros na Argentina: um perfil sociodemográfico*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.
- LINTELMAN, Joy K. “‘Our serving sisters’: Swedish-American domestic servants and their ethnic community” In: *Social Science History*, vol. 15, n. 3, 1991, pp. 381-395.
- MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil*. Campinas: Papirus, 1994.
- MARGOLIS, Maxine. *Invisible minority: Brazilians in New York City*. Massachusetts: Allyn and Bacon, 1998.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1976.

- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. "Os (des)caminhos da identidade" *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n. 42, 2000, pp. 7-21.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. "Bichos-de-obra: fragmentação e reconstrução de identidades" *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 7, n.18, 1992, pp. 30-40.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. "Goiânia, Califórnia: vulnerabilidade, ambigüidade e cidadania transnacional" *In: Série Antropologia*, Brasília, n. 235, 1998a.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. "O que faz o Brasil, *Brazil*: jogos identitários em São Francisco" *In: Série Antropologia*, Brasília, n. 237, 1998b.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. "Identidade brasileira no espelho interétnico. Essencialismos e hibridismos em São Francisco" *In: Série Antropologia*, Brasília, n. 241, 1998c.
- ROMERO, Mary. "Domestic service in the transition from rural to urban life: the case of La Chicana" *In: Women's Studies*, Londres, v. 13, 1987, pp. 199-222.
- ROMERO, Mary. "Day work in the suburbs: the work experience of Chicana private housekeepers" *In: STATHAM, Anne, MILLER, Eleanor e MAUKSCH, Hans (orgs.). The worth of women's work: a qualitative synthesis*. Albany: State University of New York Press, 1988, pp. 77-91.
- SALES, Teresa. "A legitimidade da condição clandestina" *In: Travessia*, São Paulo, v. 1, 1998a, pp. 33-40.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Editora Cortez, 1998b.
- TORRESAN, Ângela Maria de Souza. *Quem parte e quem fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.